

## Uma nova tradução do Pai Nosso

António Manuel Ribeiro Rebelo  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - CECH;  
Fac. de Letras da Univ. de Coimbra

Publicado em: *Correio de Coimbra*, 15 de Dezembro de 2016, p. 5; *Correio de Coimbra*, 22 de Dezembro de 2016, p. 3; *Correio de Coimbra*, 3 de Janeiro de 2017, p. 3.

A partir do primeiro Domingo deste Advento, entrou em vigor uma nova tradução do “Pai Nosso”, na igreja católica da Holanda e da Bélgica. As conferências episcopais holandesa e belga decidiram uniformizar a versão holandesa do Pai Nosso, permitindo que os fiéis de um e outro lado da fronteira rezem por um único texto. Não fazia sentido que dispusessem de uma versão ecuménica do Pai Nosso e não tivessem chegado a um acordo sobre uma versão comum em holandês, tantos anos depois do Concílio Vaticano II.

A oração do Pai Nosso rezado na Holanda e na Flandres é, como em toda a Igreja católica, a que provém essencialmente do Evangelho de S. Mateus (6,9-13). Algumas palavras soavam já arcaicas aos ouvidos dos fiéis e, em alguns casos, representavam verdadeiras dores de cabeça do ponto de vista exegetico. Um dos passos que sempre causou problemas neste aspecto é o correspondente ao latim “ne nos inducas in tentationem”/ e ao grego “καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν”.

Na versão holandesa, já havia diferenças entre o texto católico e o da(s) igreja(s) protestante(s) quanto à tradução de *inducas* (*leiden* – conduzir: não nos conduzas...; *brenge* – levar : não nos leves...) e sobretudo de *tentatio*/ *πειρασμός* (*peirasmos*), que os católicos vertiam por *bekoring* (tentação, na acepção de sedução, encantamento, atracção, fascínio) enquanto os protestantes optavam por *verzoeking*, a palavra correspondente ao alemão *Versuchung*, pois foi assim que Lutero traduziu o conceito para vernáculo. A par disso, os protestantes holandeses privilegiavam o *boze* (maligno) enquanto os católicos preferiam o *kwade* (mal), para traduzir o latim *malum* ou o grego *πονηρόν* (*ponêron*). Na óptica dos protestantes, o mal é algo que vem do exterior da pessoa, do demónio ou Satanás, que a desencaminha e é causa do mal. Na perspectiva católica, a tentação (*bekoring*) pode gerar o mal a partir do interior da pessoa. O mal é, por isso, mais genérico, ou seja, a origem do mal não é determinada. Estas são as diferenças mais significativas, entre muitas outras. Até agora, as duas versões católicas em holandês (a holandesa e a flamenga) somadas às versões protestantes perfaziam, pelo menos, 8 traduções oficiais do Pai Nosso, incluindo a versão ecuménica!

A nova versão do Pai Nosso católico, em língua holandesa, segue os conselhos dos exegetas e dá preferência à palavra *beproeving* (provação), mantendo o *kwade* (mal). Esta interpretação (*beproeving* - provação) também ocorria em algumas traduções protestantes. Tem a vantagem de resolver o problema teológico da

tentação. Com efeito, considerava-se que as tentações provêm do maligno e não de Deus, pois, se Deus ama o homem, não o tenta, como diz S. Tiago na sua epístola (1,13-14). Os defensores da variante “provação” argumentam que S. Paulo não podia ser mais explícito em 1Cor 10,13. Repare-se que privilegiam a leitura de *provação* e *pôr à prova* onde outros lêem *tentação*: “Não vos surpreendeu nenhuma *provação/tentação* que tivesse ultrapassado a medida humana. Deus é fiel e não permitirá que sejais *postos à prova/tentados* acima das vossas forças, mas, com a *provação/tentação*, vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar”.

A opção dos bispos holandeses e belgas não deixa de suscitar críticas entre alguns católicos mais resistentes à alteração por acharem que o termo *provação* enfraquece o sentido original latino (*tentatio*). Argumentam que a *provação* implica um sofrimento, que deve ser suportado (perseguições, doenças,...), a fim de pôr à prova a fé, a fidelidade do crente. Famoso por isso é o Livro de Job, entre muitos outros casos nas Sagradas Escrituras. Muito haveria a dizer sobre o conceito de *tentatio* (< *temptatio*), que, em latim, tanto significa “teste” ou “pôr à prova”, como “tentação” *stricto sensu*. A questão ficou definida desde Santo Agostinho que a dividiu entre a *tentatio probationis* (da qual Deus pode ser o autor para pôr em evidência as qualidades do ser humano) e a *tentatio deceptionis vel seductionis*, a tentação propriamente dita, com o fim de causar a ruína espiritual. Esta é provocada pelo tentador, o espírito do mal, o demónio (no grego bíblico: *πειράζων/peirazon*, *διάβολος/diabolos* ou *Σατανᾶς/Satanas*). Já Santo Ambrósio dizia que “o diabo tenta para destruir; Deus tenta para premiar” (*Diabolus tentat ut subruat; Deus tentat ut coronet*).

O holandês fica refém das palavras latinas. O português e o espanhol, por exemplo, para conservarem o termo “tentação”, resolveram o problema dizendo “não nos deixeis cair em tentação”, o que reflecte a exegese do passo bíblico e não constitui um problema teológico. O francês também encontrou uma resposta satisfatória com “Et ne nous soumetts pas à la tentation”, ou seja, “não nos submeteis à tentação”, isto é, “não nos deixeis exposto à tentação”. Outras línguas como o italiano (*non ci indurre in tentazione*), o inglês (*do not lead us into temptation*), o alemão (*föhre uns nicht in Versuchung*) estão mais presos à versão latina.

Os bispos holandeses e belgas estavam, todavia, bem cientes da plurissignificação do termo grego *πειρασμός*, que deve ser traduzido criteriosamente, tendo em conta a evolução da linguagem e as implicações teológicas daí decorrentes. Sempre houve traduções dos mesmos textos ao longo dos séculos, porque a língua evolui e sentimos necessidade de conformar os textos à linguagem moderna. Mas a investigação nos estudos bíblicos e teológicos também evolui, num contexto imprescindível para uma actualização dos códigos semântico-pragmáticos, que permitem um uso fidedigno da linguagem e com propriedade necessária à adequação aos tempos modernos, sem trair o espírito original que lhe subjaz.

Convém esclarecer que a palavra grega πειρασμός/*peirasmos* não é clássica. Faz parte do grego koinê ou comum, da época helenística, antiguidade romana e cristã. É o grego da versão dos *Septuaginta* (LXX) e do Novo Testamento. Num passo da epístola de S. Tiago tem o sentido inequívoco de *tentação* (nem podia ser traduzido de outra forma): “Ninguém diga, quando for tentado para o mal: «É Deus que me tenta». Porque Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém. Cada um é tentado pela sua própria concupiscência, que o atrai e seduz” (1,13-14). Do mesmo modo, πειρασμός pode ter o sentido inquestionável de “provação”, como quando Jesus diz, em Lc 22,28: “Vós sois os que permaneceram sempre junto de mim nas minhas *provações*”.

O vocábulo πειρασμός ocorre 20 vezes no Novo Testamento com vários sentidos e temos de ter isso em conta na tradução de cada passo. Já o verbo πειράζω/*peirazo* com a mesma raiz (e 38 ocorrências no NT) exprime ora um, ora outro significado. Vimos como, por vezes, a exegese que determina a tradução num ou noutro sentido deve ser devidamente fundamentada. πειρασμός apresenta idêntica frequência (14 vezes) no Antigo Testamento, na versão dos LXX.

Um desses passos é o Ex 17,7: “Ele deu àquele lugar o nome de Massá e Meribá, por causa do litígio dos filhos de Israel, e por terem posto o SENHOR à prova, dizendo: «Está o SENHOR no meio de nós ou não?»”. Efectivamente, o hebraico מַסָּה (*massah*) significa “provação” (ressalvo aqui o meu desconhecimento de hebraico para poder explorar estas questões; a informação foi-me confirmada por quem o estudou).

Também no Salmo 95,8-9: “Não endureçais os vossos corações, como em Meribá, como no dia de *Massá* (κατὰ τὴν ἡμέραν τοῦ πειρασμοῦ), no deserto, quando os vossos pais *me provocaram* (ἐπέειραν) e *me puseram à prova* (ἐδοκίμασαν), apesar de terem visto as minhas obras”. Vários tradutores optam pelo verbo “tentar” em vez de “provocar”. O verbo πειράζω do grego koinê, equivalente ao grego clássico πειράω, traduz o hebraico נִסָּה (*nâsâh*) e significa tentar, testar, pôr à prova, os sentidos exactos do verbo hebraico. O verbo δοκιμάζω significa “examinar, testar, aprovar, pôr à prova”. Na Vulgata Clementina, este passo é traduzido por: “...secundum diem tentationis in deserto, ubi tentaverunt me patres vestri: probaverunt me...”, isto é, “...como no dia da tentação, no deserto, quando os vossos pais me tentaram e me puseram à prova...”. A Nova Vulgata apenas corrige *tentationis* para *Massa*, porque o passo se refere ao local, que tem o nome de “tentação”, e não ao conceito: “...secundum diem Massa in deserto...” Massa é traduzido por πειρασμός tanto em Ex 17,7 como em Dt 6,16, e o verbo πειράζω (com a mesma raiz de πείρα – prova, tentativa), corresponde ao sentido hebraico referido. O passo do Deuteronomio 6,16: “Não tenteis o Senhor vosso Deus, como o tentastes em Massá”, corresponde ao latim: “Non tentabitis Dominum Deum vestrum, sicut tentastis in Massa” que traduz os LXX: οὐκ ἐκπειράσεις κύριον τὸν θεόν σου ὄν τρόπον ἐξεπειράσασθε ἐν τῷ Πειρασμῷ). O verbo aqui utilizado (e retomado no NT, em Lc 4,12, quando Jesus o cita – “Não tentarás ao Senhor teu Deus”) é um composto, ἐκπειράζω, que só ocorre 4 vezes no NT (Mt 4,7; Lc 4,12; 10,25; e 1Cor 10,9) e sempre com o valor de “testar”,

“experimental”, “pôr à prova”. O nosso ouvido está habituado à forma verbal “tentarás”, mas o sentido que aqui verdadeiramente se encontra é o de “pôr à prova”: Não porás à prova o senhor teu Deus.

Por tudo isto se pode ver que a tradução de uma simples palavra do Pai Nosso tem muito mais implicações do que à partida faz crer e, mais do que o conhecimento simples do latim, exigiu o domínio especializado de várias línguas e de uma complexidade de matérias, caucionadas pelo saber científico dos exegetas, para que as duas conferências episcopais aprovassem a nova versão.

Refira-se que a tradução portuguesa do Pai Nosso também não está isenta de problemas. Já um antigo professor de latim nos chamava a atenção nas aulas para o passo “(Seja feita a Vossa vontade) *assim na Terra como no Céu*”, que traduz o latim “*sicut in caelo et in terra*” ou o grego “ὡς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ τῆς γῆς”, cuja tradução em ambos é a seguinte: “como no céu, *também* assim na Terra”. Em português, a inversão da ordem das conjunções correlativas comparativas “assim... como...” pode induzir uma leitura como copulativas ou aditivas (tanto na Terra, como no Céu). Nesse sentido, dar-se-ia a ideia de que a vontade de Deus não é feita no Céu. Porém, o sentido do latim e do grego é mesmo comparativo, reforçado pelo advérbio *também*: “(tal) como é feita a Vossa vontade no céu, *também* assim ela seja feita na Terra”.